

UM MARECHAL SERTANISTA PACIFICADOR NO CENTRO DA AMÉRICA DO SUL: CÂNDIDO MARIANO (RONDON)

Fernando Tadeu de Miranda Borges



UM MARECHAL SERTANISTA PACIFICADOR NO CENTRO DA AMÉRICA DO SUL: CÂNDIDO MARIANO (RONDON)

A MARSHAL FRONTIERSMAN PEACEMAKER IN SOUTH AMERICA CENTRE: CÂNDIDO MARIANO (RONDON)

Fernando Tadeu de Miranda Borges

Professor Titular da Universidade Federal de Mato Grosso. Membro da Associação de Amigos de Rondon, da Academia Mato-Grossense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica

Resumo: Este artigo aborda a candura de Cândido Mariano, marechal sertanista pacificador, nascido em Mato Grosso, centro da América do Sul, e que tornou-se um dos mais importantes brasileiros do século XX. O “Memorial de Rondon”, da escritora Stella Leonardos, emoldura poeticamente as argumentações. Com notas sobre a Sociedade de Amigos de Rondon, fundada em Cuiabá para manter viva a trajetória de Cândido Mariano, finaliza.

Palavras-chave: Cândido Mariano. Rondon. Mato Grosso. Cuiabá.

Abstract: This article discusses the candor of Cândido Mariano, Marshal frontiersman peacemaker, born in Mato Grosso, central South America, and became one of the most important Brazilian of the twentieth century. The “Rondon Memorial”, the writer Stella Leonardos, poetically framed the arguments. With notes on the Society of Friends of Rondon, founded in Cuiabá to keep alive the path of Cândido Mariano, concludes.

Keywords: Cândido Mariano. Rondon. Mato Grosso. Cuiabá.

Neste artigo revisito a candura de Cândido Mariano (Cândido Mariano da Silva Rondon) na luta pela integração do Brasil. Um marechal sertanista pacificador, nascido no centro da América do Sul, membro da “família” do trem para Cuiabá, ferrovia esta aguardada desde 1852, na tentativa de impulsionar o desenvolvimento regional (BORGES, 2005).

Cândido Mariano é considerado um dos mais importantes brasileiros de todos os tempos, pelo trabalho realizado na área das comunicações, tendo sido, em 1963, condecorado com o título de Patrono das Comunicações (MARTINS, 1963, p. 74). Abordar a trajetória de Cândido Mariano, “marechal sertanista pacificador”, dá cor ao presente e aos amanhã, e reforça a crença sobre a importância do cultivo de valores, como honestidade, responsabilidade, determinação.

O perfume deixado por Cândido Mariano precisa continuar guiando os brasileiros, natos ou adotivos, para que não desistam do Brasil.

Stella Leonardos, escritora brasileira, que em 1995 publicou, pela Editora Universitária da Universidade Federal de Mato Grosso, o livro, “*Memorial de Rondon*”, ao cantar Cândido Mariano, proclamou,

Macunaíma: me atende/tapahuna costelado!/Te peço, Macunaíma:/ de tua oca lá em cima/mostra o riso ensacizado./Mas me empresta mão de estrelas/que dê mancheia de lendas,/acenda atalho de cisma,/de força e vida./- Escuta, Mitavaí/da igarité do Irovi/do cururu flor de lima!/MitavaíArandú/do morro onde atrás tem morro,/meu bravo etê de alta estima:/me traz teu lirismoaçu/ar de graça, estrela e cima./Na força viva./- Kerpimanha, mãe-do-sonho,/mensageira de Tupana!/Desce do céu, Kerpimanha,/rondante eterna do sono./Assoma, velha, das sombras,/ embrenha em meu coração/e me faz rever Rondon/mais que num puro entressonho./Com força e ao vivo./”(LEONARDOS,1995, p. 12-13).

E com o pedido de Leonardos, creio que CÂNDIDO MARIANO SEMPRE ESTARÁ PRESENTE EM TODOS OS CORAÇÕES. As visitas de Cândido Mariano a Cuiabá, durante o século XX, eram anunciadas e divulgadas pela revista A Violeta, criada em 1916, e queteve a escritora, professora e jornalista Maria Dimpina, como uma de suas maiores articulistas. A revista A Violeta exalou para o mundo o perfume das violetas cuiabanas, jovens mulheres letradas, pelo período de quase toda a primeira metade do século XX. Maria Dimpina, baluarte do periódico, escreveu vários artigos sobre a estrada de ferro para Cuiabá, e nas ocasiões especiais, ressaltou a força e a crença de

Cândido Mariano no empreendimento, destacando sua participação com as iniciativas estaduais animadas pelas federais, lançam também as suas vistas para o sertão, rumo ao Oeste. Assim é que a Estrada de Ferro Araraquara, que tinha as pontas de seus trilhos na Cidade Paulista Mira Sól, futuro sertão do rio Preto, resolveu continuar o seu avanço para o extremo Oeste do Paraná: o histórico porto do Taboado, hoje 'Getúlio Vargas'. Essa próspera Estrada paulista visa realizar o sonho secular dos cuiabanos, de uma ligação ferroviária direta com o porto de Santos. A iniciativa estadual vem ao encontro da Marcha para Oeste.

É válido assinalar que a Estrada de Ferro nunca chegou a Cuiabá, contudo, a chama lançada, pelos mato-grossenses Maria Dimpina e Cândido Mariano, continua preenchendo o cotidiano de uma grande parte da sociedade cuiabana (BORGES, 2005). A trajetória de Cândido Mariano tem em sua tessitura linhas com cores do verdadeiro ouro: bravura, firmeza e determinação.

Cândido Mariano nasceu no dia 5 de maio de 1865, em Mimoso, distrito de Santo Antônio do Rio Abaixo, atual município de Santo Antônio do Leverger, estado de Mato Grosso. Era filho de Cândido Mariano da Silva e Claudina de Freitas Evangelista. De origem humilde, órfão ainda pequeno, foi criado por uma bisavó, de descendência indígena, e aos sete anos de idade, na infância, mudou-se para Cuiabá, com a finalidade de estudar, tendo ficado, sob a tutela do seu tio Manoel Rodrigues da Silva, capitão da guarda-nacional, que resolveu adotar o sobrenome Rondon, apelido de Claudina de Freitas Evangelista, mãe de Cândido Mariano, por ter um homônimo que vinha causando-lhe alguns contratemplos. Segundo Viveiros (1958, p. 32), Cândido Mariano,

Ao formar-me, adotei o nome de Rondon, em homenagem ao tio que quisera ser meu pai. Requeri, ao Ministro da Guerra, permissão para acrescentar Rondon ao meu nome e passei a assinar Cândido Mariano da Silva Rondon, depois de deferido meu requerimento.

Defensor da Libertação dos Escravos e da Proclamação da República, Cândido Mariano dedicou grande amor a Mato Grosso, tendo demonstrado pelo pantanal mato-grossense um profundo sentimento de respeito:

Havia rosas no Céu, fresca no ar, rocio na erva. Leves sussurros de asas, piados, trinados principiavam a animar o pantanal.

[...]

O Cuiabá saltava todos os anos os limites das margens, para vir beijar as ervinhas e detinha-se, preguiçoso, na campina, formando o *pantanal*. Lá é que ia nadar.

[...]

Iniciei, bem pequeno, as caçadas, de que fui sempre apaixonado – até que lhes compreendi a desumanidade. Minha arma era um bodoque com que atirava pelotas de barro.

Vivia a vida ao ar livre, vida sã e ativa, naquelas paragens pelos borôros denominadas Aquirílio – nome de um pequenino pássaro que vive e faz os ninhos no capim macio das campinas. [...]

Em mim se desenvolviam, assim, naturalmente, os germes de todos os elementos do sertanejo. (VIVEIROS, 1958, p. 25-26).

A escravidão no Brasil, ao longo de quase todo o século XIX, deixou fortes marcas, e que ainda hoje se fazem presentes, tendo inviabilizado, à época, a entrada do Brasil na nova organização do trabalho. Para compreender as dificuldades do presente a recomendação é ser necessário pesquisar no passado a escravidão (GREMAUD *et al.*, 1997).

Cândido Mariano viveu a beleza e a liberdade da vida do sertão. Parece ter admirado a natureza com todas as letras, dedicando-se com afinco ao Brasil. Concluiu os estudos na Escola Militar, no ano de 1889, recebendo, em 1890, o título de Bacharel em Matemática, Ciências Físicas e Naturais (MAGALHÃES, 1942, p. 20). Terminada essa fase, trabalhou inicialmente como auxiliar de Gomes Carneiro, na Comissão para a Construção de Linhas Telegráficas de Cuiabá ao Registro do Araguaia. Por um curto período de tempo, Cândido Mariano lecionou astronomia, e casou-se, em 1892, com dona Francisca Xavier, mais conhecida como dona Chiquita, com quem teve sete filhos: Araci Rondon, Benjamin Rondon, Clotilde Rondon, Marina Rondon, Beatriz Emília Rondon, Maria de Molina Rondon e Branca Luiza Rondon, muitos netos e bisnetos (VIVEIROS, 1958).

Na construção de linhas telegráficas, Cândido Mariano ligou o Brasil ao Brasil, e conheceu o país de dentro. Nessas missões destacou-se com maestria, e recebeu inúmeras condecorações pelos relevantes serviços prestados. Foi o primeiro diretor do Serviço de Proteção ao Índio, e nesse cargo obteve elevado reconhecimento (MARTINS, 1963, p. 73). Em 1913, foi encarregado pelo governo brasileiro para

organizar e acompanhar o presidente dos Estados Unidos da América, Theodoro Roosevelt, que viera ao Brasil em viagem de estudos, obtendo, Cândido Mariano, pelo trabalho desempenhado, o Prêmio Livingstone, conferido pela Sociedade de Geografia de Nova York, e teve seu nome gravado numa placa de ouro (VIVEIROS, 1958).

Depois dessa missão, Cândido Mariano retornou aos trabalhos das linhas telegráficas, contribuindo para o efetivo conhecimento da cartografia de Mato Grosso e do Brasil. Nesses estudos, Cândido Mariano descobriu que Cuiabá encontra-se localizada no Centro Geodésico da América do Sul. A capital mato-grossense, então, desde 1909, passou a contar com o marco do Centro Geodésico, que considero a “Torre Eiffel” Sul-Americana, e mais importante pelo fato de reunir simbolicamente muitos países. A luta, portanto, em Cuiabá, deve ser pela integração das várias culturas, pela derrubada dos muros culturais, e pela maior divulgação do marco do Centro Geodésico da América do Sul.

Cândido Mariano participou do bicentenário de Cuiabá, com conferências e exposição cartográfica no Palácio da Instrução. No livro de Viveiros, o seguinte registro:

A colaboração da Comissão Rondon nos festejos se exerceu de duas maneiras: uma, com a Exposição Retrospectiva da Cartografia Matogrossense e Demonstrativa da Natureza dos Trabalhos da Comissão Rondon; outra, com a conferência que fiz, sob o título “*Influência de Cuiabá na Evolução Política e Histórica de Mato Grosso*”. (VIVEIROS, 1958, p. 463).

O Território do Guaporé, criado em 1943, recebeu, em 1956, o nome de Território de Rondônia, e Estado de Rondônia, em 1981, inspirado no livro “*Rondônia*”, de 1917, do diretor do Museu Nacional, Roquette Pinto:

O médico e antropólogo Roquette-Pinto participou, de julho a setembro de 1912, da viagem científica da Comissão Rondon à Serra do Norte, em região hoje pertencente aos estados de Mato Grosso e Rondônia. Um dos principais objetivos da expedição era o estudo do povo nambiquara, que nos anos imediatamente anteriores havia sido contatado por integrantes da Comissão. Da viagem resultou a publicação, em 1917, do livro *Rondonia*, que, após receber o Prêmio Pedro II, conferido pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro no mesmo ano, alcançou grande repercussão nos meios científico e intelectual.

[...]

Após a experiência da viagem, Roquette-Pinto inaugurou as conferências do Museu Nacional, em 1915, propondo o termo “Rondonia” para designar a zona compreendida entre os rios Juruena e Madeira. Simultaneamente, prestava homenagem a Rondon e delimitava o que percebia como área de grande importância para a pesquisa científica. (LIMA *et al.*, 2007).

Como deputado, o tenente Otávio Pitaluga, propôs, em 1918, a mudança do nome do povoado mato-grossense de Rio Vermelho, criado em 10 de agosto de 1915, pelo presidente do estado de Mato Grosso, Joaquim da Costa Marques, para Rondonópolis, em homenagem a Cândido Mariano, que nesse lugar estivera com a Comissão (<http://www.rondonopolis.mt.gov.br/?pg=conteudo&intCatID=121>).

Das inúmeras homenagens que Cândido Mariano recebeu destacam-se: Medalha de Ouro - Prêmio Levingstone – Conferida pela Sociedade de Geografia de Nova York, Diploma de Sócio Honorário da Sociedade Nacional de Geografia de Washington, Diploma de Sócio Honorário da Sociedade Geográfica de Munique, Diploma de Membro e Sócio Correspondente da Sociedade de Geografia de Lima, Título de Civilizador do Sertão conferido pelo Instituto de Geografia e Estatística, Diploma de Sócio Honorário da Sociedade Holandesa de Geografia de Haya, Diploma de Presidente de Honra do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, Diploma de Sócio da Sociedade de Geografia de Roma, Sócio Honorário da Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia da Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro (MAGALHÃES, 1942, p. 219-223).

Cândido Mariano contribuiu com dados preciosos para a confecção do mapa de Mato Grosso, em 1952 (MARTINS, 1963, p. 74), e ainda, na década de 1950, recebeu a patente de Marechal do Exército (VIVEIROS, 1958, p. 638).

Na década de 1950, muitos países movimentaram-se com vistas a indicar Cândido Mariano ao “Nobel da Paz” (BOTELHO, 1957, p. 31), vindo, no entanto, a falecer, em 19 de janeiro de 1958 (MARTINS, 1963, p. 75), sem ter sido agraciado com esse merecido prêmio.

Cândido Mariano deve, portanto, continuar sendo exemplo para todas as gerações. É preciso que o “Memorial de Rondon”, em Mato Grosso, concebido em livro pela escritora Stella Leonardos, em 1995, projetado pelos arquitetos Paulo Molina e José Afonso Portocarrero, em 1997, e inaugurado, em 2016, venha a ser conhecido, e que seja referência no mundo, como centro de documentação, com trabalhos

de pesquisa, livros, jornais, revistas, discursos, gravações, fotografias, filmes etc.

É importante continuar despertando nos jovens o orgulho e a grandeza de ser brasileiro. É necessário cultivar a crença de que é possível fazer mais pela sociedade brasileira e mundial. É imperioso desenvolver o compromisso inarredável com a história, a responsabilidade social, a educação ambiental e a democracia. É recomendado que se criem aulas práticas ministradas em museus para jovens estudantes de Cuiabá e Mato Grosso. Que venha a comemoração do tricentenário de Cuiabá. O desejo é de uma cidade, um estado e um país mais fraterno e humano, num mundo amadurecido, sem fome e desigualdade, para poder comungar com Stella Leonardos.

É preciso continuar despertando nos jovens o orgulho e a grandeza de ser brasileiro. É necessário cultivar a crença de que é possível fazer mais pela sociedade brasileira e mundial. É importante desenvolver o compromisso inarredável com a história, a responsabilidade social, a educação ambiental e a democracia. É recomendado que se criem aulas práticas ministradas em museus para jovens estudantes de Cuiabá e Mato Grosso. Que venha a comemoração do tricentenário de Cuiabá. O desejo é de uma cidade, um estado e um país mais fraterno e humano, num mundo amadurecido, sem fome e desigualdade, para poder comungar com Stella Leonardos,

Cândido Mariano da Silva Rondon. Gravo teu nome de evento./Nos longes de Mato Grosso./Numa palhoça em Mimoso,/que Cuiabá fica longe./Cândido rompes da mata,/caboclinho de orfandade,/desafiando a morte em torno./Pequeno, forte, teimoso./ Gravo teu nome de alento./Cresces. Vais crescendo aos poucos./Lecionando outros caboclos caboclos./Lendo nas folhas e rostos./Decifrando águas pensantes./E aprendes o que é ser homem/em meio a bois e piranhas,/macharrões, cobras e pombos./Mariano forte, não cândido./ Gravo teu nome de advento./Engenheiras já teu sonho/de porfiar telegrafias/ e unir por fios que falam/silêncios grandes do mapa./O engenho se faz soldado/dado ao sol, rios e matas,/ligando céus e silvícolas,/Mariano forte, da Silva./ Gravo teu nome de intento./Candeia de persistência/no acampamento e campanha/escandes por todo o sempre./Além das campas e campos/e os telégrafos que cantam/nos longíquos arraiais,/te inscrevo, lúcido Cândido,/por brenhas e pantanais./Gravo teu nome de tento./ Enquanto febres te rondam,/feras e flechas irrompem/e tribos brabas rondeiam./

Que venceste os impossíveis,/marcha de ardor semprevivo,/árdua
bandeira da paz./E gravo teu nome o vento, Rondon de morrer
talvez, Rondon do matar jamais. (LEONARDOS, 1995, p. 15-16).

Leonardos ressalta, que Cândido Rondon, teve como lema, “Ainda mesmo que alguém da expedição seja ferido pelos guerreiros do Juruena, nenhuma represália deve ser movida contra os atacantes: no seu justo direito, defendem as suas terras e as suas famílias” (LEONARDOS, 1995, p. 82). E, ainda observa numa outra parte,

Passo a passo ouço teu passo/e ouço teu peito, Rondon,/se
adentrando em Mato Grosso/num desbravar de rondônias./
Pensarás, grande caboclo, nas três tribos ancestrais/ de idos bra-
vros que te veiam?/Indagarás nas andanças/ouvindo as vozes das
veias:/-Por onde andarão os guanã?/-Que sorte terão os tereno/
das incansáveis errâncias?/Vejo te vir aos terrenos/das aldeias
dos bororo./Em que chão de que terreiro/teus avós do último
sono?/Tua procura se estende./E as folhas e asas te entendem,/e
os rastros dos rumos vastos/das terras de Mato Grosso/almam
bichos de tristeza,/respondem tristes, cabloco/a teus pensares
tão longos./Das tristíssimas estrelas/aos verdes vistos por lá,/
desconsolo nas paragens./Dizem, ouves? – Não sabemos./Ge-
mem: - Pá-arádu-cá. (LEONARDOS, 1995, p. 23-24).

Cândido Mariano, de acordo com Leonardos (1995, p. 63-64), numa das ocasiões ressaltou, “...Tudo foi feito pelos meus dedicados auxiliares. Eu nada fiz. O que eu fiz qualquer um pode fazer...” Para concluir, a indagação de Stella Leonardos (1995, p. 63-64), da qual creio que todos comungam, “(Será só querer? Será? E o valor desse querer?)”

E como prova da crença dos que aqui vivem de que o querer de Cândido Mariano é digno de respeito foi a criação, no dia 5 de maio de 1969, da Sociedade de Amigos do Marechal Rondon. Essa fundação aconteceu no Museu de Pedras Ramis Bucair, Rua Pedro Celestino n. 213, com o objetivo de “cultuar-lhe a memória e propagar a obra do grande sertanista cognominado o ‘Bandeirante do Século XX’”, conforme registrado na ata da Sociedade. A reunião deve ter sido emocionante, pelo E como prova da crença dos que aqui vivem, de que o querer de Cândido Mariano é digno de respeito, foi a criação, no dia 5 de maio de 1969, da Sociedade de Amigos do Marechal Rondon. Essa fundação aconteceu no Museu de Pedras Ramis Bucair, Rua Pedro Celestino n. 213, com o objetivo de “cultuar-lhe a memória e propagar a obra do grande sertanista cognominado o ‘Bandeirante

do Século XX””. A reunião deve ter sido emocionante, pelo fato de contar com falas do historiador Rubens de Mendonça e do entusiasta cultural cuiabano Ramis Bucair. A presidência da Sociedade de Amigos do Marechal Rondon foi ocupada por Ramis Bucair, que teve como secretário Rubens de Mendonça e depois Ivan Vidal Pedrosa.

A Sociedade de Amigos do Marechal Rondon me foi apresentada pela sócia da entidade Leila Francisca de Souza. Tinha muito interesse em conhecer de perto essa sociedade, que desde que foi criada nunca deixou de divulgar os feitos e a grandeza de Cândido Mariano.

Fui indicado pela Leila Francisca de Souza para pertencer a essa agremiação, e numa noite de céu estrelado, no salão de festas da Casa Barão de Melgaço, tomei posse como membro efetivo, tendo sido a solenidade conduzida com maestria pelo Presidente, Ivan Vidal Pedrosa. Depois dessa data, selei o compromisso de manter vivos os ideais da Sociedade de Amigos do Marechal Rondon.

Ivan Vidal Pedrosa nasceu no dia 30 de dezembro de 1929, em Recife, Pernambuco. Era filho do jornalista Carlos Pedrosa e da Professora Ausenda Vidal Pedrosa. No ano de 1936 sua família mudou-se para o Rio de Janeiro, e em 1963, para Brasília. Formado em Direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas do Rio de Janeiro, turma de 1955, e jornalista profissional, com carteira expedida pelo Ministério do Trabalho do Rio de Janeiro, em 1962, Ivan Vidal Pedrosa transitou com tranquilidade pelas duas áreas. Foi membro fundador do Comitê de Imprensa da Justiça do Estado do Rio de Janeiro (1962), membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (1985), secretário da Associação de Amigos do Marechal Rondon (1996), secretário Perpétuo da Associação de Amigos do Marechal Rondon (2004) e presidente da Associação de Amigos do Marechal Rondon (2012-2015).

Ivan Vidal Pedrosa chegou a Cuiabá, em 1964, para ocupar o cargo de diretor da Superintendência de Valorização da Amazônia (SPVEA). Nesse cargo, Pedrosa ficou até 1996. Seu casamento com a cuiabana Maria Dalva Griggi, de família tradicional, que residia numa linda casa cuiabana, ocorreu no dia 26 de dezembro de 1967. E, foi, a partir dessa data, que Ivan Vidal Pedrosa incorporou a cuiabaniidade, termo utilizado pelo saudoso Lenine de Campos Póvoas, para expressar a hospitalidade cuiabana. Segundo Póvoas (1987, p. 7-8):

Para nós, CUIABANO não era apenas o que nascia na nossa cidade, mas também aquele que aqui se estabelecia. [...] De fato, quem foi mais cuiabano do que os Fortunato, os Cândia, os Ricci,

os Fava, os Miraglia, os Gaeta, os Tenuta, os Barbieri, os Lotufo, os Guerrize, os Dorsa, os Laraya, os Maiolino, os Boabaide, os Haddad, os Malouf, os Feguri e centenas de outros? Italianos, espanhóis, portugueses, franceses, gregos, sírio libaneses, suíços, etc... etc..., todos se ‘naturalizaram’ cuiabanos pelo coração. O que sempre existiu, em nativos ou adventícios, foi o ‘sentimento de cuiabanidade’, que nada mais é do que o ‘sentimento de brasilidade.’ O orgulho de sermos brasileiros, por tudo que o nosso país representa, não constitui nada condenável e, muito pelo contrário, é um sentimento e um estado de espírito que deve ser cultivado desde as escolas destinadas à primeira infância. Assim como temos razões de sobra para nos orgulharmos do nosso país, sobejam razões para que nós, cuiabanos, nos orgulhemos de nossa terra.

E, aqui, um parêntese, para a seguinte indagação: quem é mais cuiabano ou cuiabana que Lucinda Persona, Myrian Thereza de Moura Serra, Elizabeth Madureira Siqueira, Nileide Souza Dourado, Aline Figueiredo, Maria Lúcia Cavalli Neder, Luzia Guimarães, Eduardo Mahon, Maria Adenir Peraro, Carlos Américo Bertolini, Luiza Rios Ricci Volpato, Neusa Souza Dourado, Sonia Regina Romancini e tantas outras?

Ivan Vidal Pedrosa exerceu, em vida, inúmeras funções das quais destacam-se: assessor parlamentar do Ministro da Justiça, professor Alfredo Nasser (1962), redator da Voz do Brasil na Câmara Federal (1962 e 1963), oficial de Gabinete do Ministro da Justiça, professor João Mangabeira (1964), oficial de Gabinete do Ministro da Justiça, Doutor Abelardo Jurema (1964), servidor Público Federal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, com relevantes serviços desempenhados.

A cuiabanidade tornou Ivan Vidal Pedrosa um cuiabano de coração e alma. E, muitos que chegam a Cuiabá para trabalhar, estudar, morar, também tornam-se cuiabanos, tragados pela cuiabanidade. Que Senhor Bom Jesus de Cuiabá proteja a nossa cuiabanidade. Que a terra de Cândido Mariano continue firme e próspera. Salve Mimoso! Salve Cuiabá! Salve Mato Grosso, terra de Rondon! Viva Cândido Mariano!

REFERÊNCIAS

- ACERVO FAMÍLIA PEDROSA. *Currículo de Ivan Vidal Pedrosa* (cópia cedida pela família).
- BIBLIOTECA Militar. *Rumo ao Oeste*. Conferência realizada pelo General Rondon no D. I. P. em 3-IX-1940 e discursos do dr. Ivan Lins e do General Rondon, pronunciados na Associação Brasileira de Educação. Rio de Janeiro: Gráfica Laemmert, s/d.
- BORGES, Fernando Tadeu de Miranda. *Esperando o Trem*. Sonhos e Esperanças de Cuiabá. São Paulo: Scortecci, 2005.
- COMPANHIA Estrada de Ferro Norte de Matto Grosso. Lista de Acionistas. Cuiabá. Documento Avulso: Secretaria do Interior e Justiça (Maço). Cuiabá: Arquivo Público de Mato Grosso, Lata B, 1925.
- GREMAUD, Amaury Patrick e outros. *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo: Atlas, 1997.
- LEONARDOS, Stella. *Memorial de Rondon*. Cuiabá: EdUFMT, 1995.
- LIMA, Nisia Trindade; SANTOS, Ricardo Ventura; JUNIOR COIMBRA, Carlos E. A. Rondônia, de Roquette-Pinto: as veias do Brasil. Rio de Janeiro: Revista de História, 11/09/2007. (Site: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/conteudo-complementar/rondonia-de-roquette-pinto-as-veias-do-brasil>)
- MAGALHÃES, Amilcar A. Botelho. *Rondon uma relíquia da Pátria*. Curitiba: Editora Guáira, 1942.
- SILVA, V. Benício da e BRANCO, Firmino Lages Castello. *Rondon. Civilizador do Sertão*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1952.
- Site: <http://www.rondonopolis.mt.gov.br/?pg=conteudo&intCatID=121>
- SOCIEDADE DE AMIGOS DO MARECHAL RONDON. *Ata da Sessão de Fundação da Sociedade de Amigos do Marechal Rondon* (cópia cedida por Ivan Vidal Pedrosa).
- VIVEIROS, Esther de. *Rondon conta sua vida*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958.